





Realização



Organização



**UFRJ**  
UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO DE JANEIRO

 **UFU** Universidade  
Federal de  
Uberlândia



**UFPEL**



**UFRRJ** UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL  
DO RIO DE JANEIRO

  
**CEFET/RJ**

## **CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte – Fundado em 1972**

**Presidente de Honra** (in memoriam) – Walter Zanini

### **Diretoria (2020-2022)**

**Presidente** – Marco Antônio Pasqualini de Andrade (UFU)

**Vice-presidente** – Neiva Bohns (UFPEL)

**Secretária** – Rogéria de Ipanema (UFRJ)

**Tesoureiro** – Arthur Valle (UFRRJ)

### **Conselho Deliberativo do CBHA (2020 – 2022)**

Almerinda da Silva Lopes (UFES)

Emerson Dionísio Gomes de Oliveira (UnB)

Luiz Alberto Freire

Maria de Fátima Morethy Couto (UNICAMP)

Marize Malta (UFRJ)

### **41º Colóquio do CBHA (2021): Arte em Tempos Sombrios**

#### **Comissão Organizadora**

Marco Antonio Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA) (presidente)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA)

Marize Malta (UFRJ/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/CBHA)

Sandra Makowiecky (UDESC/CBHA)

#### **Comitê Científico**

Almerinda Lopes (UFES/ CBHA)

Arthur Valle (UFRRJ/CBHA) Bianca Knaak (UFRGS/ CBHA)

Blanca Brites (UFRGS/CBHA)

Camila Dazzi (CEFET-RJ/ CBHA)

Fernanda Pequeno (UERJ/ CBHA)

Fernanda Pitta (Pinacoteca-SP/ CBHA)

Marco Pasqualini de Andrade (UFU/CBHA)

Maria do Carmo de Freitas Veneroso (UFMG/CBHA)

Maria Izabel Branco Ribeiro (FAAP/ CBHA)

Marília Andrés Ribeiro (UFMG/CBHA)

Neiva Bohns (UFPEL/CBHA)

Niura A. Legramante Ribeiro (UFRGS/ CBHA)

Paulo César Ribeiro Gomes (UFRGS/ CBHA)

Raquel Quinet Pifano (UFJF/CBHA)

Rogéria Moreira de Ipanema (UFRJ/ CBHA)

Vera Pugliese (UnB/ CBHA)

#### **Imagem da capa**

Lydio Bandeira de Mello (1929 - ), *Sem título*, 2019. Carvão crayon e pastel seco, 75 x 55 cm; Foto: Rafael Bteshe

#### **Diagramação**

Vasto Art

### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

C72 - Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte (41: 2021)

#### **Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em tempos sombrios**

– Evento online - 23-27 nov. 2021. (Organizadores: Marco Pasqualini, Neiva Bohns, Rogéria de Ipanema, Arthur Valle). São Paulo: Comitê Brasileiro de História da Arte, 2022 [2021].

1371 p : 21X37 cm: ilustrado

ISSN: 2236-0719

<https://doi.org/10.54575/cbha.41>

1. História da Arte. I. Comitê Brasileiro de História da Arte. II. Anais do 41o. Colóquio do CBHA.

**CBHA – Comitê Brasileiro de História da Arte**

**CDD: 709.81**

# Carla Guagliardi: a delicadeza como força poética

*Fernanda Pequeno*, Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
<https://orcid.org/0000-0001-8187-9077>  
fernanda.pequeno.silva@uerj.br

## Resumo

Propomos abordar as obras da artista contemporânea Carla Guagliardi (Rio de Janeiro, 1956), utilizando a delicadeza como chave de leitura. Partindo da fragilidade e da instabilidade, encaramos a sutileza acionada em suas obras como potência poética. Além da fortuna crítica que inclui textos de críticos e curadores nacionais e internacionais sobre os trabalhos da artista, também utilizamos uma entrevista realizada pela autora com Guagliardi em 2020, ainda inédita. Cotejamos, ainda, a análise de alguns trabalhos da artista com o livro *Seis propostas para o próximo milênio*, de Italo Calvino, especialmente o capítulo sobre a leveza.

**Palavras-chave:** Carla Guagliardi. Arte contemporânea. Arte brasileira. Delicadeza. Leveza.

## Abstract

We propose to approach the works of contemporary artist Carla Guagliardi (Rio de Janeiro, 1956), using delicacy as a key to reading. Starting from the fragility and instability, we face acuteness as poetic power. In addition to the critical fortune that includes texts by national and international critics and curators about the artist's works, we also use an interview conducted by the author with Guagliardi in 2020, still unpublished. We compare the analysis of some of the artist's works with the book *Six proposals for the next millennium*, by Italo Calvino, especially the chapter on lightness.

**Keywords:** Carla Guagliardi. Contemporary Art. Brazilian Art. Delicacy. Lightness.

## Introdução

Tal como o elogio da leveza que o escritor Italo Calvino empreende em seu livro *Seis propostas para o próximo milênio*, em sua poética a artista contemporânea Carla Guagliardi (Rio de Janeiro, 1956) aciona vulnerabilidades e ativa elementos sutis ou imperceptíveis. A partir de relações entre retração e expansão, robustez e precariedade, os seus trabalhos acionam força e delicadeza.

As conferências que deram origem ao livro seriam proferidas por Calvino na Universidade de Harvard no ano acadêmico de 1985-1986, mas a morte do escritor impediu sua realização. Na primeira das propostas que o autor afirmou como valores literários a serem preservados no novo milênio, a leveza aparece como modo eficaz de “evitar que o peso da matéria nos esmague” (CALVINO, 2015, p. 23). A delicadeza de pensamento, entretanto, não deve se confundir com frivolidade ou leviandade. Para ele, é porque temos experiência do peso das coisas que admiramos a leveza da linguagem, de modo que as duas vocações opostas se confrontam no campo da literatura: espessura, peso e concreção de um lado, e flutuação de outro.

Do mesmo modo, Carla Guagliardi enfrenta a inexorabilidade da matéria, produzindo obras vigorosas cuja potência advem justamente de sua vulnerabilidade. É justamente nessa tensão entre força e fragilidade que reside a vitalidade poética da artista, que aciona instabilidades e precariedades, além de sutilezas em seus trabalhos, assim como lida com o tempo, o ínfimo, invisibilidades e transparências. Fruto de cálculos muito precisos, suas esculturas e instalações parecem que podem sucumbir a qualquer momento. Mas afirmam suas forças de aparição justamente nesse limiar. Nas palavras do crítico Luiz Camillo Osório, os materiais que a artista trabalha são frágeis, levados ao limite “no momento anterior à ruptura, da perda de um certo caráter material” (OSÓRIO, 2017, s./ p.)<sup>1</sup> e é justamente este limite que caracteriza seu ponto de expressão.

## Visorama

O período de formação artística e das primeiras experiências no campo artístico de Guagliardi coincidem com o da morte de Calvino. O seu contato inicial com música, artes cênicas e educação, ainda em meados da década de 1980, desdobra-se na sua inserção como artista visual na cena carioca e nacional, a partir do final da década. Entre 1986 e 1988, foi estagiária na Colônia Juliano Moreira e, juntamente com Márcio Rolo, gravou em fitas cassete falas de Stela do Patrocínio, que posteriormente serviriam de base para a organização e publicação do livro *Reino dos bichos e dos animais é o meu nome*. Na sequência, Carla integrou o

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://www.premiopia.com/2017/11/conversa-com-carla-guagliardi-por-luiz-camillo-osorio/>  
Acesso em 13/02/2022.

coletivo Visorama, entre 1988 e 1993, responsável pela recuperação da atitude questionadora de artistas da década de 1970.

O grupo foi formado por importantes nomes das artes visuais brasileiras, alguns com reconhecimento internacional: Alex Hamburger, Analu Cunha, Brígida Baltar, Carla Guagliardi, Eduardo Coimbra, João Modé, Márcia Ramos, Marcus André, Maria Moreira, Rosângela Rennó, Ricardo Basbaum e Valeska Soares. Extrapolaram, assim, a análise que em geral atrela a produção artística da década de 1980 com o retorno à pintura. O Visorama surgiu inicialmente como grupo de estudos, em 1988, e a partir de 1990 “com uma formação que se interessava mais na construção de um arquivo e na discussão do circuito de arte local do que na leitura de textos” (BASBAUM, 2019, p. 63), existindo até 1994. O grupo partiu da necessidade de discutir e legitimar os trabalhos dos artistas envolvidos, propondo uma posição não passiva frente ao circuito, contemplando também a produção discursiva. Na entrevista que integra o dossiê Visorama, organizado pela revista Concinnitas, a artista deu o seu depoimento:

Formado a partir de um grupo de estudos, muita curiosidade, afeto e coragem, o Visorama, ao conceber um arquivo de imagens, disponibilizava informações de um cenário de arte nacional e internacional que nos faltava, pela carência de coleções públicas e de publicações acessíveis. Essas informações, primeiramente através dessa enorme coleção de slides que juntamos, nos davam referências para pensarmos, discutirmos e contextualizarmos nossa produção, aprofundando o entendimento de nossos próprios trabalhos (GUAGLIARDI, 2019, p. 69).



**Figura 1.** Carla Guagliardi, *Fifi*, 1991. Instalação. Técnica mista (sacos de polietileno, vergalhões de ferro, água e tempo). Dimensão total: 900 x 140 cm. Fotografia da montagem no Espaço Cultural Sérgio Porto, Rio de Janeiro.

Em 1990, alguns dos artistas do grupo (Brígida Baltar, Carla Guagliardi, Eduardo Coimbra, Márcia Ramos, Ricardo Basbaum e Valeska Soares) produziram a exposição *Possível Imagem* no Solar Grandjean de Montigny, Rio de Janeiro. Na sequência, a artista realizou a sua primeira exposição individual, em 1991, no Espaço Cultural Municipal Sérgio Porto, no Rio de Janeiro. Na mostra<sup>2</sup> Carla Guagliardi começou a enfrentar as questões que consolidariam o seu vocabulário plástico. Na ocasião, explorou a qualidade tátil e visual do tempo, ao expor a obra intitulada *Fifi* (figura 1), composta de sacos de polietileno, vergalhões de ferro, água e tempo. A artista montou o trabalho em três fileiras, introduzindo um espaço intermediário cujos sacos são preenchidos apenas com água. Em suas palavras, ela criou “um vácuo temporal eventualmente interrompido pela ação do tempo”. Também é notável a oxidação do vergalhão, a sedimentação da ferrugem, o peso e o volume dos sacos e a dificuldade de contenção do conteúdo, que eventualmente fura os invólucros plásticos, escorrendo e manchando a parede e o chão. Nesse caso e, como veremos em outras obras, a artista assume o risco de rupturas.

### **Delicadeza como força poética**

Desde a década de 1990, Guagliardi produz obras prioritariamente esculturais e instalativas, mas realiza também trabalhos em fotografia, vídeo e outros suportes. Elementos como água e ar são acionados, numa empreitada que congrega peso e leveza. Realizando pesquisas sobre o espaço, Carla Guagliardi lida com a ação do tempo (que ela inclui nas legendas como material das esculturas e instalações), de modo que balões perdem o ar, elásticos cedem, o ferro oxida. Ou seja, os materiais se alteram e transformam a obra.

A artista mudou-se para a Alemanha em 1997, e vive entre Berlim e Rio de Janeiro desde então. Em entrevista à autora, realizada no âmbito da pesquisa de pós-doutorado na Universidade de Hamburgo<sup>3</sup>, a artista falou um pouco de seu processo de migração:

Eu vim por uma questão pessoal, uma questão afetiva, me casei e vim morar aqui. E, diferentemente de outros que vieram já com alguma perspectiva de estudo acadêmico ou uma inserção imediata profissional, muito pelo contrário, acho que eu estava num bom momento no Rio de Janeiro, especialmente, vivenciando uma certa integração com um circuito artístico da minha geração que estava se

---

<sup>2</sup> O artista contemporâneo Eduardo Coimbra escreveu o texto para o convite/ cartaz da exposição Carla Guagliardi – Instalação, primeira individual da artista, na Galeria do Espaço Cultural Sérgio Porto, Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, de 11 de junho a 7 de julho de 1991. O mesmo foi republicado no dossiê Visorama, organizado pela Revista Concinnitas em 2019.

<sup>3</sup> Intitulado *A margem é sempre muito larga*, o projeto foi desenvolvido entre 2019 e 2020 no âmbito do estágio pós-doutoral na Universidade de Hamburgo, na Alemanha, e contou com financiamento parcial do DAAD. Em julho de 2020, a autora entrevistou Carla Guagliardi. O presente texto, portanto, parte dessa entrevista ainda não publicada e analisa algumas de suas obras, trazendo também outros críticos e curadores que escreveram sobre o seu trabalho.

formando e fiz parte do grupo Visorama, que era não exatamente uma questão projetiva, mas que nos dava solidez, nos dava reflexão a respeito dos trabalhos, discussão, o que era muito rico. Vindo para cá, eu não encontrei a mesma situação. Então, os primeiros anos eu acho que foram bastante difíceis nesse sentido, porque eu não encontrava essa ressonância e, muito menos quem se interessasse ou quem soubesse alguma coisa mais consistente a respeito da arte contemporânea brasileira. (GUAGLIARDI & PEQUENO, 2020, entrevista inédita não publicada).

Lidando com instabilidades de diferentes ordens, as obras de Guagliardi enfrentam vulnerabilidades. Seus trabalhos operam do ínfimo ao macro, sustentando-se sobre materiais e estruturas que respondem a questões plásticas, espaciais, físicas e mesmo atmosféricas. Em *Conversa com a parede* (figura 2), 2019, as placas de madeira no plano da parede se equilibram através de um único fio elástico que funciona como *looping*. Ao criar volumes, o trabalho estabelece cortes e discontinuidades, pois as peças não estão fixadas, apenas pressionadas, num arranjo tão potente quanto precário. A eventual perda de pressão do elástico coloca em risco todo o equilíbrio, pois se uma das peças de madeira ceder, todas as outras perigam desabar. Os tubos de cobre instalados na parede são invisíveis, mas fundamentais para o funcionamento do trabalho, atuando como conectores. Essas relações entre visibilidade e invisibilidade operam nessa e em outras obras da artista, que lida com sutilezas, sem abrir mão da densidade.



**Figura 2** (esq.).  
Carla Guagliardi,  
*Conversa com a  
parede*, 2019-2022.  
Instalação,  
dimensões  
variadas.  
Montagem na  
exposição  
Copacabana, Sesc  
Copacabana, Rio de  
Janeiro, 2022.  
Fotografia da  
autora.





**Figura 3** (dir.). Carla Guagliardi, *Fuga*, 2014. Instalação (tubos de cobre e uma única corda elástica vermelha), dimensões variadas. Montagem no Diehl CUBE, Berlim. Fonte: Prêmio Pipa

Em sua instalação *Fuga* (figura 3), 2014, um único fio vermelho entra e sai de tubos de cobre fixados na parede cujas partes permanecem parcialmente “escondidas”. A corda elástica atua como “looping”, cruzando o interior da galeria e interconectando as suas paredes. Desse modo, a instalação sugere uma expansão do espaço, podendo ser lida como uma espécie de partitura. Em música, a *Fuga* se caracteriza por ser uma composição em contraponto que se baseia num tema gerador curto, mas característico. Também aqui a aparente simplicidade de elementos se complexifica, à medida que a linha se desdobra no espaço. Filha do cantor Carlos Gualhardo, ícone da Era do Rádio, Guagliardi possui formação musical, para além da vivência musical familiar, de modo que as referências musicais, poéticas e filosóficas aparecem em suas obras.

Quando foi finalista do Prêmio Pipa em 2017, a artista exibiu no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro uma segunda versão da instalação, intitulada *Fuga II*. Nesse caso, introduziu volumes no espaço: blocos de concreto se somaram aos tubos de cobre e ao elástico vermelho, aumentando o número de “vozes” presentes e tensionando ainda mais o espaço. As esculturas de concreto funcionaram como uma espécie de aterramento da linha, que insiste em cruzar o espaço, tensionando-o e se expandindo. Tal como os desenhos com uma linha ininterrupta, nos quais não se tira o lápis do papel, Guagliardi aqui desenha no espaço com o fio elástico vermelho: através dos tubos de cobre, a linha contínua atravessa a parede e as estruturas de concreto, contrastando com seu peso e opacidade.

Em entrevista à autora, falando sobre a recepção de seu trabalho na Alemanha, a artista enunciou: “Eu cheguei aqui de mãos vazias. O trabalho na cabeça e no coração e pronto”, o que nos leva à simplicidade da fotografia intitulada *Mãos segurando água- segurando mãos*. Trata-se de um trabalho de 1995/2012 impresso no formato 22 cm x 30 cm no qual vemos a mão da artista num gesto receptivo, em formato de concha, que tenta conter água. O fluido, que muitas vezes atua como elemento primário de suas esculturas, aqui integra a imagem. A dificuldade de apreensão de sua transparência e de seu caráter informe pela fotografia se completa com as duas frases: mãos segurando água, água

segurando mãos, que aparecem escritas na impressão, como cabeçalho e rodapé da imagem. Apesar de seu trabalho circular entre Alemanha e Brasil, a escolha da artista em manter títulos e outras inscrições eventuais prioritariamente em português, reafirmam o desejo de interlocuções críticas em sua língua mãe. Em suas palavras: “eu acho que a nossa língua é a nossa pátria, a nossa pátria é a nossa língua e é claro que isso faz muita falta. A discussão e todo jogo de palavras, eu acho que é fundamental, a língua é um território muito denso que a gente só percebe o quanto estando fora” (GUAGLIARDI & PEQUENO, 2020, entrevista inédita não publicada).

Em conversa com o crítico e curador Luiz Camillo Osório (OSÓRIO, op. cit., 2017, s/ p), quando foi finalista do Prêmio Pipa e integrou a exposição no MAM-Rio, em 2017, a artista comentou: “Ser estrangeiro é de qualquer forma uma condição ambivalente, por um lado a falta de referências nos liberta e por outra nos afoga numa tremenda solidão”<sup>4</sup>.

Aqui nos interessa retomar a discussão de Italo Calvino acerca da leveza, então, cito:

Cada vez que o reino do humano me parece condenado ao peso, digo para mim mesmo que à maneira de Perseu eu devia voar para outro espaço. Não se trata absolutamente de fuga para o sonho ou o irracional. Quero dizer que preciso mudar de ponto de observação, que preciso considerar o mundo sob uma outra ótica, outra lógica, outros meios de conhecimento e controle. As imagens de leveza que busco não devem, em contato com a realidade presente e futura, dissolver-se como sonhos (CALVINO, op. cit., p. 21).

Para Calvino: “A leveza está associada (...) à precisão e à determinação, nunca ao que é vago ou aleatório” (CALVINO, op. cit., p. 30). É nesse sentido que o autor retoma o verso de Paul Valéry: “É preciso ser leve como o pássaro e não como a pluma” (VALÉRY apud CALVINO, op. cit., p. 30). E é nessa direção que Carla Guagliardi lida com a leveza, ao mesmo tempo em que suas obras se mantêm no limite de sua dissolução, acionando ao mesmo tempo peso e delicadeza. Sua sutileza intencional abarca o tempo e o acaso incidentais e, assim, fragilidade e a vulnerabilidade se afirmam como marcas de intensidade.

*Gaspar*, 2008-2011 (figura 4)<sup>5</sup>, por exemplo, é formado por cinco pares de balões, o de cima sendo preenchido com gás hélio, enquanto o de baixo é preenchido com ar. Eles estão fixados um no outro, flutuando livremente e de forma bastante imprevisível na sala. Em sua alusão ao personagem Gasparzinho, o fantasma camarada, a obra opera com humor ao qual se soma a invisibilidade, a imaterialidade e a leveza do ar e do gás hélio, presentificados no interior dos balões. E muito embora não possamos ver o ar e o gás hélio, eles são agentes

<sup>4</sup> Disponível em: <https://www.premiopipa.com/2017/11/conversa-com-carla-guagliardi-por-luiz-camillo-osorio/> Acesso em 13/02/2022.

<sup>5</sup> No website do projeto Pesquisas Artísticas Presentes há um vídeo sobre a artista no qual é possível visualizar a primeira versão em vídeo de *Gaspar*, de 2008: <http://www.pap.art.br/artista/2790>. Acesso em 12/02/2022.

fundamentais do trabalho. Tais como sombras ou fantasmas, os balões se movimentam conforme o ar circula e de acordo com a ocupação do espaço expositivo pelos espectadores. Presença fantasmagórica, *Gaspar* passeia pela galeria, sobe, desce, dança e flutua.



**Figura 4.** Carla Guagliardi, *Gaspar*, 2013. Instalação (5 pares de balões de borracha, ar, gás hélio, massa branca de modelar e tempo), dimensões variadas. Westfälischer Kunstverein, Münster, Alemanha.

O trabalho *Verso*, de 2007 (figura 5), congrega ternura e desconforto: tábuas pesadas de madeira descansam sobre balões brancos. Estes, ao invés de sugerirem que estão sendo esmagados pelo peso e a aspereza da madeira, parecem, ao contrário, sustentar as tábuas. Através do contraste de formas, cores e materiais, temos dualidades instauradas: branco asséptico X tom natural das tábuas; madeira e látex; balões em formas circulares X linhas retas das madeiras. Tal como em outras obras da artista, aqui temos um equilíbrio instável que congrega gravidade, geometria e ar. O ar que infla os balões resiste ao peso das tábuas, sugerindo que elas levitem ou ao menos estejam suspensas. Mas a aparente vulnerabilidade dos balões é o que sustenta o peso da madeira. Nesse sentido, a precisão e a diferenciação da quantidade de ar em cada um é fundamental. Ao analisar o trabalho no texto para o catálogo do Prêmio Pipa 2017, quando a artista integrou a exposição como finalista no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, a crítica Luisa Duarte enunciou:

Nos trabalhos de Carla Guagliardi aquilo que não se vê é tão importante quanto o que se vê. (...) Pesadas tábuas de madeira encontram-se sutilmente equilibradas sobre balões de borracha. Com o passar do tempo o ar lentamente despendido dos balões modificará a geometria – que nasce segura, estável. A tensão entre aquilo que estamos vendo e aquilo que conseguimos supor que irá ocorrer é o intervalo no qual reside o sentido da obra. O ar e o tempo, ambos

invisíveis, são instâncias ativas do trabalho. Interessa menos a resultante final do processo, o desinflar dos balões e a possível queda da escultura, do que a constante promessa de mudança contida na peça e a lembrança da dimensão inexorável do tempo (DUARTE, 2017, p. 51).



**Figura 5.** Carla Guagliardi, *Verso*, 2007.  
Escultura (madeiras, balões de borracha, ar e tempo), dimensões variadas.  
Fotografia da montagem no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, 2009.  
Fonte: <https://www.pipaprize.com/pag/artists/carla-guagliardi/>

O ar, assim, se torna elemento presente, concreto, apesar de invisível. Não se vê o ar, mas o estamos vivendo, ou melhor, dele vivendo. No texto “Carla Guagliardi: A sustentável leveza do ser”, publicado no catálogo da exposição individual da artista no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro em 2009, o curador Luiz Camillo Osório escreveu sobre o trabalho: “Se completamente cheios inviabilizariam o precário equilíbrio e a tensão das tábuas; se mais esvaziados perderiam a dignidade formal requerida para a escultura funcionar. É um momento de forma que tonifica a fragilidade dos balões, mantendo na madeira seu peso e sua gravidade” (CAMILLO, 2009, p. 33).

Nas versões de parede do trabalho *O Lugar do Ar*, as relações com a história da arte e com os pares brasileiros aparecem bastante claras. Se a versão aérea do trabalho, montada suspensa (figura 6) no espaço sugere um móvel de Calder, nas versões de parede, Mondrian é aludido através dos *Metaesquemas* de Hélio Oiticica. Na série de Oiticica, o desalinhar dos quadrados e retângulos aponta para

uma subversão da grade mondrianesca. No trabalho de Guagliardi, as ortogonais são substituídas por borrachas que proporcionam um equilíbrio precário, enquanto as hastes apontam para a latência da peça.



**Figura 6.** Carla Guagliardi, *O lugar do ar (IV)*, 2012.

Instalação (vergalhões de ferro, borrachas sintéticas e tempo), técnica mista, dimensões variáveis.

Montagem na exposição individual *Os cantos do canto*, Galeria Anita Schwartz, 2012. Fotografia: Thomas-Florschuetz.

Na versão espacial, a combinação dos vergalhões de ferro com elásticos de diferentes medidas e graus de elasticidade forma uma espécie de labirinto. A obra tem apenas um centro de gravidade devido à interconexão de suas partes, o que dá à peça uma constante, embora quase imperceptível, mudança de configuração. Fruto de cálculos precisos, a instalação sugere flutuação mas a ação da gravidade e do tempo, bem como o peso dos vergalhões fazem a elasticidade das tiras ceder, desalinhando sutilmente a regularidade do arranjo. Se as marcas de intensidade dos trabalhos de Guagliardi são o tempo, as sutilezas e o invisível, a artista não abre mão das densidades e gravidades que lhes são características. Assim, coaduna em suas obras peso e delicadeza, força e fragilidade, densidade e leveza.

Em conversa com o crítico Luiz Camillo Osório, quando foi finalista do Prêmio Pipa, em 2017, a artista comentou: “Tenho a nítida sensação que meu trabalho só está pronto quando se dá a ver e alguma observação alheia abre uma comporta que vai inundá-lo de sentidos. A partir daí minha relação com ele inaugura uma outra dimensão, mais reflexiva e que de certa forma perpetua-se em uma redescoberta contínua”<sup>6</sup>.

Se o contraste entre materiais reitera suas propriedades individuais, tais singularidades, ao serem combinadas nas obras da artista, são potencializadas. Sua vitalidade, apesar de “não ser quantificável” é perceptível (e aqui aludo novamente Luiz Camillo Osório no texto “Carla Guagliardi: a sustentável leveza do ser”) e opera nos limites entre o visível e o invisível, a força e a delicadeza. O tônus dos trabalhos da artista, assim, advêm justamente de seu aparente contrário. É desse modo que sutileza, delicadeza e fragilidade constituem-se como potências.

Para Italo Calvino, o peso da vida ameaça que o mundo se torne pedra, de modo que torna-se necessário encontrar formas de escapar a tal olhar inexorável. E é apenas porque temos a vivência da densidade, que conseguimos experienciar a leveza, sobrevivendo ao “insustentável peso do viver” (CALVINO, op. cit., p. 39). É desse modo que as obras de Carla Guagliardi não se deixam petrificar, sustentando-se no ar, entre o céu e o chão. É assim que a artista, e gostaria de terminar com uma citação literal do Calvino, “dirige o olhar para aquilo que só pode se revelar por uma visão indireta, por uma imagem capturada no espelho” (CALVINO, op. cit. p. 18).

## Referências

BASBAUM, Ricardo. “Visorama, a entrevista”. *Concinnitas*. Revista do Instituto de Artes da Uerj, nº 36, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/47955/32181>. Acesso em 11/02/2022.

BRETT, Guy. “A flecha do tempo”. *Carla Guagliardi o lugar do ar*. Rio de Janeiro: Artviva, 2009. Catálogo da exposição individual da artista, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 19 de março a 17 de maio de 2009.

CALVINO, Italo. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

COIMBRA, Eduardo. “Uma paisagem no tempo”. *Concinnitas*. Revista do Instituto de Artes da Uerj, nº 36, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/47985/32189>. Acesso em 12/02/2022 às 12:23h

DUARTE, Luisa. Texto publicado no catálogo do *Prêmio Pipa 2017*. Exposição dos finalistas no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 23 setembro a 26 novembro de 2017. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/pipa-2017/>. Acesso em 04/02/2022.

---

<sup>6</sup> Entrevista de Carla Guagliardi por Luiz Camillo Osório, publicada no website do Prêmio Pipa, em 01 de novembro de 2017. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/2017/11/conversa-com-carla-guagliardi-por-luiz-camillo-osorio/> Acesso em 05/02/2022.

GUAGLIARDI, Carla. *Onde está o tempo que eu deixei nesse espaço?* Texto da artista publicado no website: <http://www.pap.art.br/artista/2790>. Acesso em 12/02/2022.

\_\_\_\_\_. “Visorama, a entrevista”. *Concinnitas*. Revista do Instituto de Artes da Uerj, nº 36, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/concinnitas/article/view/47955/32181>. Acesso em 11/02/2022.

\_\_\_\_\_ & PEQUENO, Fernanda. *Entrevista com Carla Guagliardi*, concedida à autora em Berlim, em 9 de julho de 2020. Documento inédito, não publicado.

OSÓRIO, Luiz Camillo. “Carla Guagliardi: a sustentável leveza do ser”. *Carla Guagliardi o lugar do ar*. Rio de Janeiro: Artviva, 2009. Catálogo da exposição individual da artista, realizada no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, de 19 de março a 17 de maio de 2009.

\_\_\_\_\_. *Conversa com Carla Guagliardi, por Luiz Camillo Osório*. Publicada em 1 de novembro de 2017 no website do Prêmio Pipa. Disponível em: <https://www.premiopipa.com/2017/11/conversa-com-carla-guagliardi-por-luiz-camillo-osorio/>. Acesso em 10/02/2022.

#### **Como citar:**

PEQUENO, Fernanda. Carla Guagliardi: a delicadeza como força poética. *Anais do 41º Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte: Arte em Tempos Sombrios*, Evento virtual, CBHA, n. 41, p.12-23, 2022 (2021). ISSN: 2236-0719.

DOI: <https://doi.org/10.54575/cbha.41.001>

Disponível em: <http://www.cbha.art.br/publicacoes.htm>